

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Dança
Grande Auditório
Sex, 21h00 / Sáb, 19h00
M/6

16 e 17
fev 2024



Compañía
Manuel Liñán
¡Viva!

CCB

Direção e interpretação **Manuel Liñán**
Apoio à cena **Alberto Velasco**
Direção coreográfica **Manuel Liñán**
Bailarinos e coreografia **Manuel Liñán, Manuel Betanzos, Jonatán Miro, Miguel Heredia, Yoel Vargas e Jose Capel**
Música **Francisco Vinuesa, Victor Guadiana e Kike Terron**
Conselheiros musicais **David Carpio e Antonio Campos**
Guitarra **Francisco Vinuesa**
Canto **David Carpio y Antonio Campos**
Violino **Victor Guadiana**
Percussão **Kike Terrón**
Desenho de luz **Gloria Montesinos A.a.i.**

Técnico de luz **Alvaro Estrada A.a.i.**
Figurinos **Yaiza Pinillos**
Confeção de figurinos **Gabi Besa, José Galván (Batas de colas)**
Sapatos **Arte Fyl**
Desenho de som **Kike Cabañas**
Direção de cena **Octavio Romero**
Caracterização e maquilhagem **Mauro Gastón**
Fotografia **MarcosGpunto**
Texto Adaptação de *Juego y teoría del duende*, de **Federico García Lorca**
Assistente às digressões e assistente de produção **Ines Garcia**
Produção executiva e gestão **Ana Carrasco**
Produção **Manuel Liñán**
Com a colaboração de **Teatros del Canal**

Distribuição **www.peinetaproducciones.com**

¡Viva!

¡Viva! é uma canção à liberdade de movimento, onde os papéis de género, num mundo codificado como o flamenco, são quebrados com alegria e prazer, criando terrenos que, embora inexplorados, não estão distantes.

Um intérprete generoso e sedutor de poder vertiginoso, Manuel Liñán há muito que é elogiado pela sua generosidade e sinceridade, com a qual quebra as regras do flamenco. *¡Viva!* apresenta bailarinos masculinos vestidos com trajes tradicionalmente femininos, expondo as muitas expressões de identidade vivas dentro de cada corpo humano. Uma transformação que nem sempre implica uma forma de mascarar, mas sim uma nudez, uma revelação. Numa chave celebrativa, Liñán propõe a pluralidade da dança flamenca, tanto através das suas diferentes formas como da sua singularidade. E fá-lo com seis bailarinos, que se encarregarão de explorar e mergulhar neste universo fascinante do flamenco *queer*.

«Entre Géneros» no Flamenco

¡Viva!, de Manuel Liñán, representa uma exposição franca e alegre da identidade *queer* que extravasa os limites da fórmula tradicional.

Por Marina Harss

Um bailarino com um longo vestido vermelho está sozinho na escuridão, de costas para o público. Uma voz aguda ressoa e os braços do bailarino tremulam levemente, como se tivesse sido despertado por este som triste. «Eres una rosa», tu és uma rosa, entoia o cantor. O corpo do bailarino balança ligeiramente, como se estivesse a acumular energia, antes de girar num movimento rápido.

O que o público vê é ao mesmo tempo esperado e inesperado: um bailarino de flamenco penteado e vestido de forma tradicional, de olhos ferozes e focado. Mas há uma reviravolta: este bailarino é um homem – Manuel Liñán, o criador e a estrela do espetáculo *¡Viva!* Sendo o flamenco o que é – uma música e dança centenária que se desenvolveu a partir do choque de culturas no sul de Espanha – o que se segue é tão surpreendente quanto revigorante. Uma *performance* interpretada inteiramente em *drag*, por Liñán e seis extraordinários bailarinos com vestidos coloridos e xales de franjas conhecidos como *mantones*, cabelos presos com *peinetas* (penteados decorativos) e flores. Enquanto um bailarino dança, os outros acompanham com cânticos, exortações e palmas.

O espetáculo [...] representa algo novo para o grande público do flamenco: uma exposição franca e alegre da identidade *queer* dentro do contexto da dança flamenca. Para Liñán, que é *gay*, dançar tornou-se uma forma de se expressar. Como o próprio disse: «Eu e os meus bailarinos estamos a dançar-nos a nós mesmos.»

¡Viva! tem sido amplamente abraçado pelo público e pela crítica desde a sua estreia, em 2019, em Madrid. O crítico do diário espanhol *El País*, Roger Salas, descreveu-o como «uma das melhores coisas que acontecem neste momento crítico do flamenco e da dança espanhola». Tal receção seria inimaginável há 20 anos.

Alguns compararam o espetáculo aos Les Ballets Trockadero de Monte Carlo, uma companhia de dança americana exclusivamente masculina especializada em apresentar clássicos como *O Lago dos Cisnes*. Mas *¡Viva!* é menos uma sátira do que uma declaração de amor ao flamenco, pura e simplesmente. Os bailarinos de Liñán interpretam *alegrías* tradicionais, *tárantos* e *bulerías*, danças cheias de sapateado emocionante e rítmico, braços curvados, tapas nas coxas, estalar de dedos e curvas fechadas; bem como danças da *escuela bolera*, mais académica, com os seus passos acelerados.

Nuevo Flamenco, o «novo flamenco» que domina a cena desde a década de 1980, afastou-se dos vestidos com babados, xales e penteados bem presos usados pelos bailarinos de Liñán em *¡Viva!* E também do formato tradicional de canções e danças que *¡Viva!* segue.

Mas, para Liñán, este olhar para trás representa algo intensamente pessoal, uma forma de olhar para o seu próprio despertar para o flamenco. «Cresci a ver isto quando tinha 11 ou 12 anos», disse Liñán, em entrevista por telefone de Madrid, onde vive.

Quando era criança, em Granada, ansiava por usar os trajes coloridos das suas ídolos femininas, bailarinas como Eva Yerbabuena, Matilde Coral e Blanca del Rey e glamourosas estrelas de cinema dos anos 1950 e 1960 que cantavam e dançavam, como Lola Flores e Carmen Sevilla. «Eu escondia-me num quarto da minha casa a experimentar saias e a maquiar-me», disse. «Tinha medo de me meter em problemas e de ser ostracizado.»

Na sua formação em dança, aprendeu a dançar «como un hombre», ou como um homem. Tal como acontece com a maioria das formas tradicionais, incluindo o *ballet* e o tango, a técnica do flamenco tem sido historicamente ensinada com diferentes nuances para homens e mulheres. Os homens são ensinados a mover menos as mãos e as ancas e a manter a parte superior do corpo mais rígida; as mulheres, a usar movimentos mais curvilíneos e decorativos para os braços e tronco.

Desde cedo que se sentiu limitado por estas regras, disse Liñán: «O meu corpo não conseguia conter esses impulsos e comecei logo a mexer as minhas mãos como queria e as minhas ancas. Comecei a mover-me entre os géneros.»

[...]

Num *e-mail* a partir de Madrid, Liñán explicou que o flamenco sempre teve uma componente queer. No início do século XX, existiam cafés e salas de música onde artistas travestis se misturavam com artistas de flamenco mais tradicionais. Mas sob a ditadura de Francisco Franco, o *drag* passou à clandestinidade até a década de 1960, quando começou a regressar, «na esfera das festas e espetáculos gays, exclusivamente para artistas travestis».

O travestismo masculino era visto como algo perigoso. A crítica flamenca Estela Zatanía disse num *e-mail* que nos últimos anos do governo de Franco, e algum tempo depois, a Espanha tinha uma lei – Ley de la Peligrosidad Social (ou Lei de Perigo Social) – que resultava em perseguição, incluindo prisão, por «comportamento imoral» e que foi usada principalmente para perseguir homossexuais. Dançar em *drag* não era apenas pouco comum, mas também perigoso.

Para as mulheres, a situação era um pouco diferente. Artistas femininas como a grande Carmen Amaya, uma estrela dos anos 1930 e 1940, conseguiam usar calças e dançar as chamadas danças masculinas, cheias de passos percussivos rápidos conhecidos como sapateado, porque não desafiavam normas heterossexuais. Simplesmente, a sexualidade delas não foi questionada. As calças, que permitiam aos espectadores ver mais as pernas, podem até ter aumentado o seu apelo sexual, especialmente para os homens na plateia.

A Espanha mudou. Quinze [dezanove] anos passaram desde que o país se tornou um dos primeiros países do mundo a legalizar o casamento entre homossexuais, apesar da forte oposição da Igreja Católica Romana. O espetáculo de Liñán é um produto e uma expressão desta mudança cultural.

O que não quer dizer que as suas *performances* não tenham incomodado algumas pessoas. Liñán pode ser um artista de flamenco célebre e premiado, mas disse que ele e os seus bailarinos foram submetidos a insultos homofóbicos tanto nos palcos, quanto *online*. «Fomos acusados de ser a vergonha do mundo flamenco, disseram-me que o Diabo iria levar-nos», disse. «Claro que é doloroso, mas esse é o mundo em que vivemos.»

E, no entanto, não há dúvida de que *¡Viva!* é uma celebração da arte do flamenco, uma afirmação da sua beleza e da sua capacidade de se relacionar com um público vasto. Quando foi apresentado no Festival de Jerez [em abril de 2020], um crítico elogiou dizendo que «é uma das melhores coisas que já foram vistas no festival em todos os seus 24 anos de história». O mundo do flamenco, ao que parece, está pronto para Manuel Liñán.

Excerto de um artigo publicado originalmente no jornal *The New York Times* a 22 de março de 2020.

O que diz a imprensa

«Existe um grande sentido de comunidade entre os bailarinos, os músicos em palco e o público. Percebe-se que o espetáculo significa algo para Liñán e isso é poderoso.»

Lindsay Winship, *The Guardian*, 22 junho 2022

«Sendo o flamenco o que é – uma música e dança centenária que se desenvolveu a partir da colisão de culturas no sul de Espanha – o que se segue é tão surpreendente quanto revigorante. Uma performance interpretada inteiramente em drag, por Liñán e seis extraordinários bailarinos (...)»

Marina Harss, *The New York Times*, 17 março 2020

«Não se ouvia aplausos assim em anos num espetáculo de dança espanhola. O entusiasmo por vezes roçou o circo romano e acabou com todos de pé, com um final alegre mais do que discutível.»

Roger Salas, *El País*, 9 fevereiro 2019

Manuel Liñán

Vencedor do Prémio Nacional de Dança 2017, em Espanha, o bailarino/coreógrafo/realizador Manuel Liñán nasceu em Granada e estudou com os lendários Manolete e Mario Maya. Foi convidado, em diversas ocasiões, para coreografar espetáculos do Ballet Nacional de España, do Nuevo Ballet Español e das companhias de Rafaela Carrasco e Teresa Nieto, e, desde então, passou a colaborar com Daniel Doña no espetáculo *REW*. Em 2008, Manuel iniciou a sua carreira a solo, estreando-se com *Tauro*. Mais tarde continuou com *Mundo y Aparte* e *Sinergia*, espetáculos que lhe deram a oportunidade de atuar em festivais de prestígio como o Festival de Jerez, onde recebeu o Prémio Revelação de Dança 2012. Um ano depois,

conquistou o Prémio Max de Artes Performativas como Melhor Bailarino Masculino e o Prémio Flamenco Hoy Critics Choice de Melhor Bailarino. Em 2014, estreou *Nómada* no Festival de Jerez, mostrando o seu talento como um bailarino e coreógrafo extraordinário, e posteriormente apresentou o espetáculo nos principais festivais do mundo. Em 2016, apresentou *Reversible* nos principais festivais internacionais, incluindo o Festival de Nîmes, a Biennale Nederland de Flamenco e o Festival de Flamenco de Londres, além de ter vencido o Critics Choice Award no Festival de Jerez. Em 2021, estreou o seu mais recente trabalho, *Pie de Hierro* e continua a apresentar esta obra com grande sucesso nacional e internacionalmente.

Fotografias de © Marcos Gpunto







Camané © DR



Maria João © João Farinha



Giovanni Sollima © DR



Amaro Freitas © Micael Hocherman



Tirzah © DR



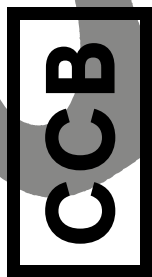
Kremerata Baltica © Angie Kremer



Stephan Crasneanski, Simone Merli © Vanina Sorrenti / Patti Smith © Jesse Paris Smith

belém soundcheck

UM FESTIVAL DE TODAS AS MÚSICAS



21 A 24 MARÇO 2024

21 20H00 **CAMANÉ** *Inquire* **ÚLTIMOS BILHETES**

22H00 **MARIA JOÃO** *Songs for Shakespeare*

22 20H00 **IL GIARDINO ARMONICO
COM GIOVANNI SOLLIMA**

22H00 **AMARO FREITAS**

23 19H00 **SOUNDWALK COLLECTIVE
COM PATTI SMITH** *Corr* **ESGOTADO**

21H00 **TIRZAH** *trip9love...???*

24 17H00 **KREMERATA BALTICA
COM GIDON KREMER**

Coprodução Centro Cultural de Belém, Égide – Associação Portuguesa das Artes
Parceria EGEAC, Instituto Italiano de Cultura de Lisboa
Parceria Media RTP, Antena 1, Antena 2 e Antena 3



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



COFINANCIADO POR

